

Brusque Lar Polonês

150 anos da imigração no Brasil

**Conheça a história dos dois ciclos de
imigração polaca que contribuíram para
o desenvolvimento da região e do país**

Ministério do Turismo

Secretaria Especial da Cultura

Patrocínio Master

Havan S.A (conf. art.18 Lei 8.313)

Site

www.minhasantacatarina.com.br

Parceria

O Município: pesquisa histórica, levantamento de informações e hospedagem web.

Coordenação geral

Sérgio Valle / PrismaCultural

Coordenação editorial

Marcelo Reis

Produção executiva

PrismaCultural

Assistente

Everton Caetano

Pesquisa e textos

Jornal O Município / Marcos Borges

Fotografia /Pesquisa de fotos

Bárbara Sales

Projeto gráfico, montagem e versão final

Raffcom

Desenvolvimento web

ServerDo.in

Uma história de luta e conquistas

Em 25 de agosto de 2019 foi comemorado os 150 anos da imigração polonesa no Brasil. Os primeiros imigrantes poloneses chegaram em Brusque em 1869 e com o registro de nascimento de Isabella Kokot nos arquivos da Arquidiocese de Florianópolis, a pesquisadora brusquense Maria do Carmo de Ramos Krieger comprovou que o berço da imigração polonesa no país é em Brusque, e não em Curitiba como se acreditava.

Neste especial, relembremos toda a história de luta dos imigrantes poloneses no novo país: a chegada dos pioneiros a Brusque; a ida para Curitiba; e mais tarde, a chegada dos chamados tecelões de Lodz, que revolucionaram a indústria têxtil em Brusque. Também mostramos a luta de descendentes para preservar a cultura polaca em Brusque e histórias de famílias polonesas que se destacam na cidade.

Para a construção deste rico material, contamos com a ajuda da pesquisadora Maria do Carmo Ramos Krieger, do pesquisador Aloisius Carlos Lauth, da Fundação José Walendowsky, além da contribuição de Mari Inês Piekas; Celso Deucher; Paulo Vendelino Kons; Rosemari Glatz; descendentes de Sebastião Saporski; Casa de Memória de Curitiba; Casa da Cultura Polônia Brasil; Sociedade Berço da Imigração Polonesa; Casa de Brusque e Prefeitura de Botuverá.

IMAGEM 1

Foto da rua e aos fundos a fachada e parte do ginásio da Escola de Ensino Fundamental Padre Luiz Gonzaga Steiner. Antigamente, no local ficava o barracão dos imigrantes.

Antes dos poloneses, os ingleses

Colonos de língua inglesa povoaram a margem direita do rio Itajaí-Mirim antes da chegada dos polacos, mas a experiência fracassou

Pouco antes dos primeiros poloneses se instalarem na Colônia Príncipe Dom Pedro, no atual território de Brusque, o Império do Brasil tentou povoar a margem direita do rio Itajaí-Mirim com imigrantes de origem inglesa, vindos do Estados Unidos.

Esta primeira experiência colonial daria mostras do que aguardaria os poloneses, que chegaram em agosto de 1869 para “substituir” os ingleses que abandonaram a colônia pelas péssimas condições de sobrevivência humana.

A criação da Colônia Príncipe Dom Pedro, hoje batizada por historiadores Colônia Águas Claras, foi resultado da política liberal que o gabinete brasileiro adotou no segundo império. Eles queriam trazer imigrantes de pensamento livre para substituir a mão de obra escrava nas lavouras cafeeiras, já que havia risco da escravidão acabar no Brasil, o que aconteceu apenas em 1888.

O decreto imperial que criou a colônia inglesa data de 16 de janeiro de 1866, mas somente foi instalada em março de 1867. O território do núcleo colonial abrangia as terras de ribeirão Águas Claras, Limeira, Limoeiro, Cedro Grande, Cedro Pequeno, Pedras Grandes, Águas Negras, Botuverá, Vidal Ramos, Alferes (em Nova Trento) e a região do ribeirão Creeker, onde, até a presente data, existe uma disputa pela definição dos limites dos municípios de São João Batista e Nova Trento na região hoje chamada de Rio do Braço.

Depois do decreto de criação, o presidente da Província de Santa Catarina informou ao Barão Maximilian von Scheneeburg, diretor da Colônia Itajahy, na margem esquerda do rio, que na outra margem seriam assentados colonos de língua inglesa.

A resposta do barão foi de contrariedade, porque naquele lugar ele já havia assentado 14 famílias alemãs. Apesar do protesto, ele teve de ceder. Acatou as ordens da Província e viu sua colônia perder parte do território.

Era uma amostra de que os alemães não gostavam da presença de estrangeiros em território que consideravam deles.

Chegam os ingleses

No início de 1867, Barzillai Cottle partiu da Casa de Imigração do Rio de Janeiro com um grupo de 98 imigrantes de origem inglesa em direção ao Vale do Itajaí-Mirim, onde

fundaria uma colônia agrícola, a Colônia Águas Claras.

Cottle era uma figura discutível. Nem mesmo historiadores como Aloisius Carlos Lauth, especialista que estuda a questão há quase 40 anos, têm informações suficientes sobre ele.

É provável que o ancestral dele tenha emigrado da Irlanda, no Reino Unido da Rainha Vitória, para os Estados Unidos, durante a primeira Crise da Batatinha, em 1846. Possivelmente, emigrou ainda jovem.

É certo, contudo, que trabalhou na enfermaria de campanha da Guerra Civil americana, supostamente em Nantucket, estado de Massachusetts. Mas sua origem é irlandesa, como muitos da primeira leva de imigrantes.

Após o fim da guerra, ele aceitou o convite para vir ao Brasil com sua esposa Rebecca e os três filhos. O perfil de homem militar com habilidades de liderança o destacou entre a primeira leva de imigração. Ele acabou escolhido pelos políticos liberais do Gabinete do Império para comandar uma colônia com pensamento liberal no Vale do Itajaí.

A primeira turma de colonos de língua inglesa chegou em março de 1867 ao Barracão dos Imigrantes, na Colônia Itajahy, também no atual território de Brusque, com ajuda recebida do Barão von Schneeberg. A sede da colônia ficava onde hoje funciona a Escola de Ensino Fundamental Padre Luiz Gonzaga Steiner, na Travessa Lagoa Dourada.

Eles receberam dele orientações sobre o assentamento colonial e o cultivo agrícola, além de se protegerem de “correrias de bugre”. Dias depois, os 98 colonos foram assentados na confluência do ribeirão Águas Claras com o rio Itajaí-Mirim.

Os imigrantes eram, em sua maioria, irlandeses reimigrados dos Estados Unidos, mas havia ingleses e outras nacionalidades da Europa. Eram homens e mulheres que viviam sem esperança, depois da guerra americana.

Essas pessoas eram alvo da propaganda da ‘United States and Brazil Ship Company’, contratada pelo Império Brasileiro para agenciar a vinda de imigrantes da América do Norte, sob tutela da ‘Sociedade Internacional de Imigração’, fundada no Rio de Janeiro para auxiliar os imigrantes de língua inglesa.

Boa parte dos que foram assentados na Colônia Águas Claras não tinha experiência na lavoura para pequena propriedade. Outros tinham trabalhado na construção de estradas de ferro ou, ainda, como mercenários dos militares americanos.

Eles sonhavam encontrar muito ouro e prata nos ribeirões do Ouro e Bateas. Sem trabalho certo na nova colônia, os mais arruaceiros provocaram intrigas que deixariam marcas na imigração irlandesa.

Conflitos étnicos

As sedes das duas colônias ficavam a apenas seis quilômetros de distância entre si. Isso fazia os colonos de ambos os lados se misturarem e perambularem em busca de trabalho.

Os conflitos étnicos não demoraram, apontam os estudos de Aloisius Carlos Lauth e do escritor Celso Deucher. Desde o início, os alemães demonstraram que não queriam novos vizinhos. Essa animosidade se converteria em brigas entre colonos de língua inglesa e os germânicos.

No decorrer do tempo, o sentimento de “germanismo” se aflorou entre imigrantes alemães e elevou a animosidade. O comportamento violento dos irlandeses também não colaborou.

Em abril de 1867, o barão de Schneeberg se afastou da colônia por doença que lhe atingiu

a visão. Logo depois voltou à Alemanha, onde faleceu. A direção passou a ser ocupada pelos mais “espertinhos” de ambas as colônias, nenhum deles interessados no progresso econômico da colônia agrícola. A exceção foi o agrimensor Elpídio de Mello, diz Lauth.

Assim, Cottle assumiu interinamente a Colônia Itajahy, mesmo sem falar alemão, e nomeou como seus secretários os alemães professor Maximiliano von Borrowsky e Guido von Seckendorf, ex-voluntário da Guerra do Paraguai.

Eles passaram a dirigir as duas colônias, a contragosto de Cottle. Os problemas de relacionamento foram muitos entre Cottle e os germânicos. Tanto é que ele chegou a denunciar von Seckendorf à presidência da província sob a alegação de que ele favorecia os alemães nos assuntos da colônia.

Von Seckendorf havia sido oficial na Guerra do Paraguai pela Colônia Blumenau e, por causa de sua alta patente, a denúncia não foi levada adiante. Os colonos irlandeses também se queixaram à delegacia de Vila do Itajaí, contra a administração da colônia, por predileção aos alemães.

Cottle se mostrou um administrador ruim para as colônias. Faltou rotina de trabalho e a demarcação de lotes para os colonos de língua inglesa, que aguardavam muito tempo no barracão esperando por terras, sementes e ferramentas agrícolas.

Problemas disciplinares não faltaram. Em 24 de fevereiro de 1868, um grupo de irlandeses se envolveu em uma briga com alemães numa taverna.

Militar rígido, Cottle expulsou 17 imigrantes irlandeses por sua conduta, mas por causa disso foi fortemente repreendido pelo governo provincial. O Brasil tinha investido muito dinheiro para trazer os imigrantes e não foi bem visto expulsá-los no primeiro imbróglio.

Apesar dos problemas, as levas de imigrantes não paravam de chegar. Em 1868, a Colônia de Águas Claras já tinha mais habitantes que a de Itajahy - a maioria deles eram ingleses e americanos.

IMAGEM 2

Imagem em preto e branco do alemão Maximiliano von Borrowsky, que está de terno escuro e uma camisa branca por baixo. Ele tem cabelos curtos encaracolados e um grande bigode

O golpe do diretor

Em 1868, Cottle foi à capital da província, Desterro, e sacou da Tesouraria da Fazenda 30 milhões de réis para aplicar na colônia. Na volta, ele sumiu com o dinheiro, em conluio com o agrimensor.

Fugiu primeiro para uma colônia no rio da Plata, de onde retornou a New Orleans, nos Estados Unidos.

Por esse episódio, foi demitido sumariamente e o agrimensor, inocentado. Em seu lugar, a província nomeou o barão Frederic von Klitzing, ex-major do Exército Austríaco e Ajudante de Ordens do imperador Maximiliano, no conflito do México.

Klitzing assumiu a direção das colônias e, como era germânico, o conflito étnico se agravou novamente, na disputa entre alemães e ingleses.

Um fato repercutiu negativamente no Império Brasileiro. Em junho de 1868, o médico Richard Windele, irlandês, foi chamado à Colônia Itajahy para atender um paciente. Na volta, ele decidiu comprar munição para seu revólver e, sem querer, disparou um tiro que acertou de raspão um colono alemão.

O médico e o colono acertaram uma indenização entre si equivalente a 15 dias de trabalho. Mas o subdelegado e agrimensor Krieger não aceitou a decisão e mandou algemar Windele até concluir o auto de corpo de delito.

O médico foi preso e xingado por colonos alemães. A notícia se espalhou e foi parar no Gabinete do Imperador. O fato se tornou diplomático, com risco de rompimento das relações com a Inglaterra.

Logo depois, Windele abandonou a colônia. Nenhum outro médico foi enviado para substituí-lo.

Colonos fogem

A essa altura, a colônia já dava claros sinais de fracasso. Cada vez mais colonos iam embora. Muitos foram para a Província de Santa Fé, na Argentina. Outros para São Paulo, onde prosperava a Colônia de Americana, de origem inglesa. Alguns, ainda, se dispersaram nas colônias de Joanesburgo, na África do Sul.

Nesse turbilhão, em 17 de setembro de 1868, três colonos ingleses lideraram uma Marcha Americana na sede da colônia. Cerca de 100 colonos postaram-se à frente da diretoria para exigir o pagamento de salários e subsídios. Neste momento, o diretor era Elpídio de Mello, que prometeu, mas o dinheiro era liberado pela província e não veio.

Em novembro deste ano, uma grande enchente atingiu as colônias. Em oito horas, o rio atingiu 29 palmos, equivalente a 7,60 metros. Uma mulher e dois filhos, da família Hopkins, morreram afogados na madrugada.

Sem recursos para reconstruir tudo o que fora destruído pela cheia, os colonos foram embora de vez. A fuga de colonos de língua inglesa foi muito grande ao longo de 1869, pouco antes da chegada do primeiro grupo de poloneses.

Em 1870, viviam na colônia inglesa apenas 35 famílias. Raríssimas deixaram descendência na região. Há, no entanto: Bittencourt, franceses de Pedras Grandes e de Azambuja; Roux, franceses do Ribeirão do Mafrá; Demarchè, franceses da Cristalina, Cedro e Rio do Sul; Winter, ingleses do Jardim Maluche e de Santa Terezinha; Murphy, ingleses de Brusque, Blumenau e Indaial; Plover, ingleses do Cedro e Itajaí; e Galleger, ingleses do Cedro Grande.

Sucessão de eventos históricos gerou a saída dos poloneses da terra natal

Polônia não existia como estado no século 19; conheça a história do país

A vinda dos primeiros poloneses para a América, e especificamente para Brusque, é resultado de uma sucessão de eventos históricos que remontam às divisões políticas e geográficas da Europa no século 14.

A posição geográfica central e a abundância de recursos colocaram a Polônia em uma delicada posição em relação aos seus vizinhos, estes mais poderosos durante toda a história.

1025

O Reino Polonês foi fundado e nos 300 anos seguintes expandiu suas fronteiras. Em 1386, já no século 14, o reino se uniu ao Grão-Ducado da Lituânia sob a dinastia Jagiellon, o que deu origem à República das Duas Nações.

A partir desse momento, os poloneses experimentaram o desenvolvimento econômico e a prosperidade. O século 16 foi o auge da república polaco-lituana. A nação atingiu sua maior extensão no século seguinte, em 1634, após sucessivas guerras contra vizinhos.

Mas, nos anos seguintes, ficaram mais evidentes brigas entre facções da nobreza - em polonês, Szlachta. Por meio do Sejm, o parlamento, os poloneses adotaram posicionamentos em seu favor e desagradaram os lituanos.

1772

A Guerra Civil dividiu a república em 1758. Prússia (Alemanha), Rússia e a Áustria se aproveitaram da instabilidade interna. Em 1772, aconteceu a Primeira Partilha da Polônia. Terras no Leste ficaram com a Prússia, no Sudoeste para a Áustria e no Oeste, com a Rússia.

Até este momento, a Polônia ainda existia, embora menor. Os próximos 20 anos foram de progresso. Em 1791, uma nova Constituição entrou em vigor.

IMAGEM

Imagem do mapa da Polônia com as três divisões do território.

1793

A nova Carta Magna abriu caminho para novas intervenções estrangeiras e veio a Segunda Partilha. A Rússia invadiu a Polônia pelo Oeste. Nacionalistas poloneses, liderados pelo general Tadeusz Kościuszko, tentaram defender as fronteiras, mas sem sucesso. A nação foi novamente repartida entre os três poderosos vizinhos.

1795

O espírito aguerrido dos poloneses se afluou novamente em 1794, quando Kościuszko liderou uma investida contra os invasores. O famoso Levante de Kościuszko fracassou e foi derrotado no fim do mesmo ano.

O resultado do levante foi a Terceira Partilha da Polônia, já em 1795. Os três invasores repartiram o território entre si e, literalmente, apagaram o país do mapa.

1807

No início do século 19, Napoleão Bonaparte sacudiu o Velho Continente. O general Jan Henryk Dabrowski convenceu o general francês a contar com tropas auxiliares polacas.

As legiões polonesas tiveram papel significativo nas vitórias de Napoleão contra a Prússia. Como recompensa, o francês concedeu-lhes um pequenino Estado chamado Ducado de Varsóvia, em 1807.

Mas a derrota de Napoleão, em 1812, contra a Rússia pôs fim ao sonho de independência. Dois anos depois, as potências da época, Áustria, Prússia, Grã-Bretanha e Império Russo se reuniram e reorganizaram o mapa europeu. A Polônia como Estado independente não voltou a existir.

1863-64

A mais longa revolta foi o Levante de Janeiro, que entre 1863 e 1864 reuniu combatentes contra o domínio russo, principalmente, mas também prussiano. A tentativa foi suplantada e a repressão foi violenta, com prisões e execuções.

Já nesta época a Europa estava em crise, agravada pela Guerra da Crimeia. No território polonês, sobrava mão de obra e a terra se concentrava nas mãos de poucos.

1869

Esse contexto de dominação e de miséria levou muitos poloneses a deixarem para trás as terras de seus antepassados. Com a crise, os grandes impérios ocupantes liberaram a emigração e muitos deixaram a Europa para a América em busca de paz e bonança.

No meio da massa que deixava o país eslavo estavam 16 famílias, que entraram para sempre para a história da Polônia, de Brusque e do Brasil.

IMAGEM 1

Imagem de um papel bastante antigo, já amarelado, escrito com tinta preta em letras cursivas. O documento é o registro de batismo do menino Estevão, que está no arquivo da Arquidiocese de Florianópolis

Primeiras famílias polonesas foram assentadas em 16 lotes

Fugindo da miséria no país, eles vieram para o Brasil em busca de melhores condições de vida

A bordo do navio Victoria, um veleiro do tipo barca, 16 famílias polonesas sonhavam com as promessas de uma vida nova no Brasil. A embarcação deixou o porto de Hamburgo, na Alemanha, no dia 11 de junho de 1869, chegando ao porto de Itajaí em meados de agosto, após praticamente dois meses de viagem.

O dia 25 de agosto é tido como a data de chegada dos imigrantes polacos, pois foi neste dia que o padre Alberto Gattone realizou o batismo do menino Estevão, filho Maria Kowalska e Thomaz Sieniovski, que havia nascido no navio no dia 3 de julho.

Eram as primeiras 16 famílias etnicamente polonesas que chegaram à Colônia Príncipe Dom Pedro, ou Colônia Águas Claras. Somavam cerca de 80 pessoas originárias da cidade de Siolkowice, na Alta Silésia, que estava sob domínio prussiano, por isso tinha seu nome germanizado: Schalkowitz. Depois, vieram mais famílias.

Os primeiros imigrantes fugiam da grave crise na Europa e tinham como profissão principal o trabalho no campo. Eram pessoas simples, que buscavam um recomeço sem domínio estrangeiro e sem guerras.

Na Polônia, elas trabalhavam na agricultura, em alguns casos como assalariados, pagos por grandes fazendeiros. As terras por lá eram férteis.

Cansados da vida difícil, muitas famílias resolveram pedir autorização ao governo para deixar o país. A Prússia exercia forte domínio sobre os polacos, que tinham de pedir um passe livre para poder emigrar. Muitos o fizeram, assim como outros tantos foram embora ilegalmente.

Ainda em 1869, chegaram à colônia mais 60 colonos poloneses e outras 22 famílias aguardavam no porto de Itajaí.

IMAGEM 2

Foto da família de Stefan Kachel. O homem de bigode está em pé atrás, com a esposa ao lado esquerdo da foto, um rapaz e outras duas moças. Na frente, quatro crianças menores.

Sixteen Lots

Os poloneses foram assentados na linha colonial chamada de Sixteen Lots, que, segundo o escritor Aloisius Carlos Lauth, que é especialista no assunto, ficava na região do ribeirão Cedro Grande, na confluência com o ribeirão Cedro Pequeno. Não é possível determinar exatamente onde seria esse território atualmente.

O nome Sixteen Lots era uma alusão ao número de lotes medidos: 16. Lauth diz que, até hoje, aquela região é montanhosa e pouco propícia à agricultura.

Havia uma estrada que ligava Sixteen Lots à povoação mais próxima, que ficava no bairro Águas Claras, mas a viagem de ida e volta era longa e fatigante para os colonos.

Os camponeses receberam pás, enxadas e foices para abrir clareiras na mata e foram enviados para o campo. Não demorou para que os mesmos problemas da colonização inglesa ocorressem com os poloneses.

A terra não era boa para agricultura por causa do seu relevo, e as promessas feitas quando eles embarcaram não eram cumpridas. O pouco que eles conseguiram plantar foi devastado em uma enchente ainda em 1869.

O desespero tomou conta dos colonos, que foram pedir ajuda na sede da colônia. Uma reconstituição feita pela escritora Maria do Carmo Ramos Krieger, com base em documentos históricos, dá uma amostra de como era a vida naquela época:

“23 de Fevereiro de 1870

Alguns de nós já pensam em desistir, ir embora. Os maridos, principalmente. Mas... Ir para onde? Nosso lugar é aqui.

Há promessas do Governador da Província para os homens conseguirem mais trabalhos nas estradas – frentes que se abrem para dar passagem aos imigrantes, peregrinos em busca de terra e um pouco de paz, em algum lugar do Planeta.

O espírito de luta, fortalecido pelo suor do nosso trabalho diário, às vezes faz esmorecer. É outra, a cultura local; há costumes tão diversos, tanto verde e, dizem, começam a aparecer alguns gentios, primeiros habitantes do lugar. Nossos vizinhos, os imigrantes alemães, já receberam a visita de alguns deles.

Os gentios são arredios para conversar e não hesitam em matar. Notícias dão conta de que um colono foi morto a flechadas. A direção da Colônia avisou para ficarmos atentos aos ataques.

Alguns homens e mulheres procuram disfarçar, porém mostram-se assustados, principalmente por causa das crianças.

Não sei definir direito o que sinto em relação a isso: mistura de vontade de vencer nesta nova terra, com saudades da velha pátria.”

Fusão e fuga

Até esse momento, existiam duas colônias: Dom Pedro e Itajahy. Com os problemas, o governo provincial resolveu fundi-las em uma só, em 6 de dezembro de 1869.

A solução não resultou em melhorias para os colonos poloneses e ingleses. Sem amparo da direção e com problemas com os alemães, que não os aceitavam plenamente, os poloneses acabariam levados por Edmundo Wos Saporski para reemigrar para Curitiba, no Paraná, em 1871.

IMAGEM 3

Mapa feito a mão mostrando a divisão dos lotes em que os poloneses foram assentados em Brusque

Fatos históricos

Os primeiros poloneses ficaram por pouco tempo em Brusque, mas deixaram marcas irrefutáveis de sua passagem, antes de emigrarem para Curitiba.

Filha de Felipe Kokot e Isabel Gbur, Isabella Kokot foi a primeira filha de poloneses em Brusque. Ela nasceu em 12 de novembro de 1869 e foi batizada dois dias depois pelo padre Alberto Gattone.

Quem encontrou o registro de nascimento da menina Isabella foi a escritora brusquense Maria do Carmos Ramos Krieger, nos arquivos da Arquidiocese de Florianópolis, já na década de 1980.

Pouco antes dela já havia sido batizado o menino Estevão, na data que é o marco da imigração polonesa. No entanto, diferente de Isabella, ele nasceu no navio, não em Brusque.

O escritor e jornalista Celso Deucher diz que foi a fundo nos arquivos da Arquidiocese de Florianópolis para descobrir o registro de batismo de Estevão.

O historiador Paulo Vendelino Kons narra que, conforme consta no “livro de assentamentos de pessoas falecidas da Colônia”, em 11 de outubro de 1870, ocorreu a primeira morte de um polonês em solo brusquense.

O menino João Otto, filho de Simon Otto e de Rosália Gabriel, foi enterrado no conhecido “cemitério dos polacos”. O mais provável é que o local ficava no atual território do bairro Lageado Baixo, em Botuverá, que na época pertencia a Brusque.

Uma pequena cruz de pedra que estava no túmulo do garoto foi achada anos depois e está exposta no Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim, mais conhecido como Casa de Brusque.

Relação das 16 famílias polacas estabelecidas na Colônia Príncipe Dom Pedro, em agosto de 1869, no Vapor Victoria*

Francisco Pollok
Nicolau Wos
Boaventura Pollok
Thomasz Szymanski
Simon Purkot
Felippe Kokot
Miguel Prudlo
Simon Otto
Domin Stempka
Gaspar Gbur
Balcer Gbur

Walentim Weber
Antonio Kania
Francisco Kania
Andre Pampuch
Josepho Purkott
Julianna Wos/ Julia
Stefan Kachel
Francisco Motzko **

Fonte: Súditos da Rainha:
ingleses no Império do Brasil. Aloisius Carlos Lauth, 2017

*Atestado da Secretaria
do Governo de Santa Catarina, 25 de julho de 1870. João
Granato dos Santos.

**Participa da Lista das famílias polacas segundo requerimento de Saporski, em
12/08/1870 – APEP”

De Brusque para Curitiba

Polonês Sebastião Saporski foi quem guiou as primeiras famílias que saíram de Santa Catarina para o Paraná

Sebastião Edmundo Wos Saporski foi o responsável por guiar os primeiros polacos que chegaram a Brusque e depois foram para a região de Curitiba, no Paraná. O polonês de espírito aguerrido teve grande contribuição para o povoamento do estado, onde hoje reside a maior parte dos descendentes de poloneses.

Saporski na verdade foi batizado como Sebastião Wos, filho de Edviges Kampa e Simão Wos, em 19 de janeiro de 1844, na cidade Stare Siolkowice, perto de Opole, na Silésia.

O pai de Saporski trabalhava no transporte de mercadorias de carroça e era o “jornal” daquela época, pois informava aos habitantes da pequena cidade o que se passava. Foi ele que primeiramente contou sobre o Brasil.

Soou bem aos ouvidos dos polacos uma terra de eterna primavera, onde não havia neve nem geada e onde florestas imensas esperavam desbravadores. Mal sabia Simão que o próprio filho seguiria esse caminho alguns anos depois.

Como era o segundo filho da família, Sebastião não teria herança alguma. Por isso o pai o enviou para estudar em Opole, cidade maior.

Na escola, aprendeu alemão, pois a região era ocupada pela Prússia. Na tentativa de germanizar os polacos, o governo só permitia o ensino do seu idioma.

Desde novo, Sebastião era doente. O médico chegou a lhe recomendar que vivesse em um local de clima mais quente. Mas o que o fez querer emigrar foi a convocação para o Exército.

Naquela época, a Prússia se preparava para guerrear com a França, que, por sua vez, era considerada aliada dos poloneses. Sebastião não poderia lutar contra um amigo de seu povo e ao lado do seu opressor.

Para fugir do Exército, mudou o nome para Sebastião Edmundo Wos Saporski. Ele seguiu para Londres, principal centro marítimo do mundo na época.

No Reino Unido, ele ficou indeciso sobre para onde ir: sabia das colônias polacas fundadas nos Texas, Estados Unidos, em 1854, mas não se decidia.

IMAGEM 1

Sebastião Wos Saporski já idoso, sentado ao lado da esposa e rodeado por crianças e jovens moças

Rumo a La Plata

A dúvida ficou para trás quando chegou ao porto um navio chamado Emma, que levaria trilhos para La Plata, na Argentina. Aventureiro, Saporski (nesta época já adotara o novo nome), subiu a bordo e seguiu para o Novo Mundo.

Saporski chegou a Montevideu, no Uruguai. Por lá se instalou e, com ajuda de outros poloneses, arrumou emprego de servente de bar em um clube suíço-alemão.

Não demorou para que ele percebesse que o Uruguai já estava totalmente habitado. Não havia muito o que explorar. Então, ele decidiu seguir o conselho de um grande amigo, que praticamente o adotou como filho: Frederico Brunswick.

Brunswick havia tido um negócio em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, antes de ir para o Uruguai. Depois de um tempo, resolveu voltar ao Brasil e trouxe consigo Saporski.

O destino da viagem era a colônia administrada pelo farmacêutico Hermann Blumenau, de quem Frederico era amigo. Quando chegaram, descobriram que Dr. Blumenau estava na Europa.

Ainda assim, ficaram. Brunswick logo morreu. Saporski permaneceu na colônia e, em pouco tempo, virou professor. Ensinava alemão, obviamente, pois a colônia era germânica.

IMAGEM 2

Imagem da casa de Saporski em Curitiba em preto e branco. A casa aparenta ser bem simples, com telhado que parece ser de palha. Em frente a casa, aparecem três homens em pé, e outros quatro sentados.

Imposição da germanização

Saporski sempre se mostrou inconformado com a germanização que os imigrantes eslavos eram submetidos pelos alemães, em Blumenau. Havia uma vontade da direção de que todos fossem culturalmente germânicos, o que não era a realidade nem o desejo dos poloneses.

Nesta época, ele chegou a conhecer alguns polacos em Blumenau, mas que eram considerados alemães.

O sentimento de indignação era compartilhado pelo também polonês padre Antônio Zielinski, vigário da Paróquia São Pedro Apóstolo, de Gaspar. Há divergência entre os pesquisadores sobre como aconteceu e as motivações, mas o fato é que os dois puseram em prática um plano para criar uma colônia só de poloneses.

O escritor Celso Deucher, por exemplo, sustenta que Saporski era um agente de imigração que negociava a vinda de imigrantes, ou seja, a motivação seria mais econômica do que solidariedade com os compatriotas.

Padre Zielinski e Saporski tinham conhecimento da situação no Paraná, onde havia muitas terras desabitadas. Por isso, em 10 de abril de 1869, a dupla enviou ofício ao governo imperial e pediu autorização para uma colônia.

A notícia de que os dois queriam fundar um núcleo de povoação polonês chegou à direção da Colônia Blumenau, que tinha desentendimentos com Saporski. O desbravador teria sido afastado do cargo de professor e se refugiado com o vigário em Gaspar.

Esta parte também é duvidosa ainda hoje. A escritora Maria do Carmo Ramos Krieger afirma que diversos historiadores, entre eles José Ferreira da Silva, de Blumenau,

comprovaram que, de fato, havia divergência entre Saporski e a direção da colônia.

Contudo, Maria do Carmo é enfática ao afirmar que Dr. Blumenau jamais interferiu nos assuntos de Saporski, como ele alega em suas memórias.

O fato é que, no meio dessa confusão, Saporski soube que 16 famílias polacas haviam desembarcado no porto de Itajaí e ido para o que hoje é Brusque.

Saporski passou a trabalhar para levar os poloneses de Brusque para o Paraná. Mas faltava a autorização imperial para o plano dar certo.

IMAGEM 3

Foto em preto e branco de uma igreja polaca em Curitiba. A igreja aparece ao fundo. Tem uma torre alta, com uma cruz em cima da porta da frente

Aval para transmigração

Como se tratava de uma mudança de uma província para a outra, só o imperador Dom Pedro II poderia autorizar.

Em suas memórias, Saporski diz que conseguiu o aval do imperador. Mas Maria do Carmo novamente refuta essa ideia, pois, segundo seus estudos, Dom Pedro II estava em viagem ao Egito nesta data, portanto, não teria como recebê-lo.

Não há registro de que ele tenha dado o aval, mas o fato é que Saporski negociou com a província a transmigração e o governo provincial aceitou pagar a despesa com a viagem.

A saída dos polacos de Brusque foi uma aventura. Foram ao porto de Itajaí, pegaram o navio até o município de Antonina. Depois, carroções os levaram até Curitiba.

Colônia de Pilarzinho

A chegada dos poloneses é outro ponto de divergência dos pesquisadores. Enquanto os paranaenses, de modo geral, colocam a situação como uma salvação, outros pesquisadores rechaçam a ideia.

Maria do Carmo, referência no assunto, estudou a fundo a questão e garante que eles não eram esperados, tanto que foram deixados à porta do colégio de Saporski e ficaram sem local definido por algum tempo e sem comida.

Ela cita, ainda, que a Câmara Municipal recebia pedidos de terras ainda em 1873, visto que alguns ainda estavam sem moradia anos depois da chegada. No fim, os polacos foram enviados para os arredores da capital.

Celso Deucher afirma que muitos dos poloneses que chegaram a Curitiba viveram em completa pobreza por um tempo. Alguns chegaram a pedir esmolas, segundo ele.

A primeira colônia polonesa no Paraná foi chamada de Pilarzinho, hoje um bairro de Curitiba. Ele também assentou imigrantes em Mercês e, poucos anos depois, em Abranches, também regiões da capital paranaense.

Carreira e reconhecimento

Saporski foi professor em Curitiba. Hoje em dia, existe uma escola com o nome Sebastião Saporski na cidade.

Em 1874, ele prestou exames no Ministério da Agricultura e recebeu o título de engenheiro agrimensor. Nessa condição, ele teve papel destacado na organização das levas de imigrantes que chegaram ao Paraná.

Saporski trabalhou na construção da ferrovia que ia de Curitiba, em Morretes, até

Paranaguá. Foi nessa obra que ele conheceu a sua esposa, uma índia carijó chamada Maria de Oliveira, com quem teve seis filhos.

Em 1912, Saporski foi eleito deputado estadual pelo Partido Republicano Paranaense (PRP). Foi o primeiro polonês eleito para o parlamento estadual.

Já em 1920, o desbravador recebeu o título de Pai da Imigração Polonesa, do primeiro cônsul polonês em Curitiba, Kazimierz Głuchowski.

Quatro anos depois, no Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba, ele ganhou a Cruz da “Polônia Restituta” - um reconhecimento por grandes realizações em prol do país. Saporski faleceu em 1933.

IMAGEM 4

Senhoras polonesas de vestido e lenços na cabeça aparecem pedindo esmolas em uma rua de Curitiba. Foto em preto e branco.

Tabela

Comparação das listas de poloneses que pediram e que foram reimigrados

Coluna 1

Abaixo-assinado* dos polacos que pedem transporte para a Província do Paraná, em 1871

Josef Kania

Walenty Weber

Andreas Pampuch

Stefan Kachel

Pawel Pollok

Albert Krause

Miguel Prudlik

Nicolau Wos

Josef Ryffel

Martin Kampa

Józef Purkot

Fabian Barcik

Simon Purkot

Martin Prudlik

Bernard Fila

Filip Kokot

Thomasz Szjnowski

Jacob Nalewaja/ Thiago

Leopold Jelen

Simon Otto

Domin Stempka

Balcer Gbur

Vicent Pampuch

Bonaventura Polak
Franz Kania
Antoni Kania

Coluna 2

Relação dos polacos chegados a Curitiba, procedentes da Colônia Brusque, em 1871

Gregório Hyla
Rosália Otto
Elizabeth Kokot
Susana Purkot
Maria Purkot
Francisco Pollok
Agatha Waldera
Maria Kania
Ana Kania
Paulina Jelen
Maria Wos
Maria Szajnoski
Justina Prudlo
Maria Prudlik
Anna Gbur
Boaventura Pollok
Francisco Kania
André Weber
Ignacio Milleck
Rosa Gbur
Blazius Macioszek

Fonte: Súditos da Rainha: ingleses no Império do Brasil. Aloisius Carlos Lauth, 2017

*Petição indeferida por subdelegado Germano Aug. Thiemsen, em 15 de agosto de 1871

Orgulho das origens

Descendentes de Saporski ainda vivem em Curitiba e conhecem bem a história do antepassado

Sebastião Edmundo Wos Saporski trabalhava na construção da ferrovia que liga Morretes, em Curitiba, a Paranaguá, quando foi picado por uma cobra venenosa. O medo deu lugar ao alívio graças a uma índia chamada Maria, que o levou para sua aldeia e o salvou.

Maria depois se casou com Saporski. Os dois viveram juntos e tiveram seis filhos no Paraná. Esse relato pode parecer romântico demais, mas aconteceu. Talvez os detalhes não sejam exatamente assim, mas o salvamento é fato, assim como o casamento.

A história da união entre Saporski e Maria de Oliveira, índia Carijó, é famosa e repassa a cada geração entre os descendentes do pai da imigração polonesa no Brasil.

“No fundo, nós, da família, principalmente quando éramos crianças, gostávamos muito dessa ‘lenda’ sobre nossos bisavós meio Pocahontas”, comenta Denise Saporski, bisneta de Sebastião Edmundo.

Em suas memórias, Saporski escreveu que o casamento com a índia foi por gratidão por ela ter salvado a vida dele. “Mas eu quero acreditar que foi a partir da atitude dela em salvar sua vida que ele se apaixonou”, pondera Maria Inês Barreto, outra bisneta do histórico polonês.

Ricardo Saporski, irmão de Denise e primo de Maria Inês, conta que as histórias e feitos épicos do bisavô sempre fizeram parte e ainda fazem parte das conversas da família.

Alguns bisnetos de Saporski ainda vivem em Curitiba, cidade com a qual ele tanto contribuiu nos séculos 19 e 20. Denise, Maria Inês e Ricardo são três deles que falam com orgulho da sua linhagem.

Maria Inês tem 51 anos, nasceu e mora até hoje na capital do Paraná. Ela é filha de Maria Carolina Saporski Barreto e Adahil Paiva Barreto, ambos já falecidos.

Maria Carolina é filha de Pedro Saporski, um dos seis filhos de Sebastião Edmundo com a índia Maria de Oliveira. Maria Inês tem quatro irmãos: Pedro Alberto, Neide, Cristiane e Thamís.

IMAGEM 1

Foto colorida dos descendentes de Saporski. Na imagem, aparece Ricardo com a filha Carolina do lado esquerdo, e os filhos Eduardo e Rafael do lado direito. A família está abraçada e posa sorrindo para a foto.

IMAGEM 2

Selfie colorida de Maria Inês, bisneta de Saporski, que aparece sorrindo

IMAGEM 3

Foto de Denise, também bisneta de Saporski, que tem os cabelos longos em uma trança e aparece sorrindo

Bibliotecária na Diretoria de Patrimônio Histórico e Cultural em Curitiba, ela conta que a família mantém traços da sua origem polonesa. “Mantemos as tradições culinárias, as festas, e o colorido nas casas e a religiosidade”.

Em homenagem à descendência e também ao diretor de cinema Krzysztof Kieślowski, o nome do cão da raça schnauzer de Maria Inês é Kieslowski. A irmã dela, Thamís Barreto, escreveu o livro “Saporski: uma vida dedicada à imigração polonesa”.

Os irmãos Denise e Ricardo são filhos de Pedro Saporski Filho, que, logicamente, é filho de Pedro, cujo pai era Sebastião Edmundo. Ela tem 51 anos e também é curitibana.

“Com certeza ser descendente de Edmundo é motivo de orgulho para mim e para toda a minha família, pois foi um grande homem corajoso que abriu um mundo não só para o povo polonês, assim como para outros povos europeus, dando uma nova condição de vida para todos e pensando sempre em um bem comum”, resume Denise.

O irmão dela tem 55 anos e também nasceu e reside na capital paranaense. Sobre a família, ele lembra que seu pai era muito apegado à história.

“Meu pai tinha um livro dos anais da imigração polonesa e sempre lia para nós”, comenta Ricardo, que é músico e já tocou em Brusque. Até hoje, os três e os outros descendentes de Sebastião Edmundo carregam com orgulho suas origens.

IMAGEM 4

Foto de Sebastião Saporski quando jovem. Na imagem ele aparece de perfil e tem longos bigodes pretos. A foto está em preto e branco

IMAGEM 5

Foto da esposa de Saporski, a índia Maria. Ela está de frente, com o semblante sério e cabelos presos.

Tecelões de Lodz e a revolução industrial de Brusque

Grupo de poloneses formado por técnicos têxteis chegou em Brusque após 1889 e foi responsável por desenvolver o setor no município

Conhecido hoje como Tecelões de Lodz, o grupo de poloneses que chegou a Brusque a partir de 1889 foi o motor gerador de uma revolução em âmbito regional. Se hoje a cidade é uma força industrial, muito se deve ao espírito empreendedor e à qualificação desses pioneiros.

Hoje, Lodz fica em território polonês, mas no século 18 ela estava sob domínio do Império Russo, já que a Polônia não existia como Estado soberano na época. Foi nessa cidade - hoje com mais de 700 mil habitantes - onde ocorreram acontecimentos que entrelaçam as histórias de Brusque e da Europa.

Após a revolução industrial iniciada na Inglaterra em 1760, a indústria em geral passou por grandes transformações, com o avanço das tecnologias. O império russo percebeu o potencial e resolveu incentivar o desenvolvimento têxtil na região de Lodz, Zgierz e Ozórkow, na Polônia, no fim do século 18.

A Rússia ofereceu incentivos fiscais e econômicos para que trabalhadores têxteis da Prússia e de outros países se instalassem na região de Lodz. Não demorou para que levas de imigrantes aportassem e a indústria têxtil prosperasse. Dentre esses imigrantes havia muitos de origem alemã, como é o caso da família Schlösser.

Lodz e arredores tornou-se um grande polo têxtil na Europa, um dos mais importantes para o Império Russo. Os teares, as tinturarias e as máquinas não paravam de trabalhar para dar conta da demanda.

Uma das mais importantes fábricas têxteis do Velho Continente nesta época chamava-se Schlösser, e ficava em Zgierz. Tudo ia bem, a região se desenvolvia e as pessoas prosperavam porque tinham salários, em vez de depender de bicos e da lavoura.

No entanto, o têxtil costuma ser uma indústria de entrada. Uma vez que a mão de obra fica cara, o polo muda de local. O antigo polo entra em crise e precisa se reinventar.

IMAGEM 1

Foto em preto e branco de Franz Krellbich, ao lado da esposa e das filhas ainda crianças.

IMAGEM 2

Foto em preto e branco de Carlos Haacke. Já idoso, ele aparece sério sentado em uma cadeira de balanço.

Além disso, o século 18 foi turbulento na Europa Central. As insurreições pela independência da Polônia e as constantes guerras entre reinos levaram ao nacionalismo por parte dos eslavos.

A partir de 1875, o sentimento de pan-eslavismo cresceu ainda mais. A discriminação contra alemães virou algo corriqueiro. Além disso, os produtos de Lodz passaram a rivalizar com os de Moscou.

Tudo isso se misturou num grande caldeirão e minou a prosperidade de Lodz e arredores. Não demorou para começar uma quebradeira geral.

Várias fábricas fecharam as portas e, com isso, muita gente foi demitida. A crise foi gravíssima e levou cada vez mais pessoas a deixarem a Polônia, seja por xenofobia ou por miséria.

Essas pessoas recém-desempregadas já não eram mais aqueles velhos imigrantes: trabalhadores, mas sem qualificação industrial. Muitos tinham estudos técnicos e buscavam novas oportunidades.

Em meio à massa de emigrantes poloneses estavam os pioneiros Tecelões de Lodz, que impactariam a história de Brusque e região.

Determinação

Discriminados, os tecelões polacos de origem alemã encararam semanas dentro de um navio e vieram para o Brasil em busca de oportunidades. Desde o início, tinham em mente trabalhar no setor têxtil no novo país.

A imigração dos poloneses neste ciclo, após 1889, é diferente daquela de 1869. Eles vêm aos poucos, muitos já com contratos de trabalho. Celso Deucher, escritor e jornalista, diz que não houve um movimento em massa, de encher navios com polacos.

Os Tecelões de Lodz que vieram para Brusque eram das famílias Franz, Haacke, Hartke, Kreibich, Petermann, Wilke, Tietzmann, Yescke e Jackowski. Os Schlösser vieram mais tarde, só em 1896.

Deucher afirma que destacam-se, também, entre os tecelões, os Cernucky, além dos Hartke e dos Haacke.

Os tecelões se instalaram em vários locais, que na época eram Brusque. Por exemplo, os Petermann, Kreibich e Jackowski se instalaram na região da Sibéria, que hoje em dia é Guabiruba.

Alguns dos primeiros tecelões se instalaram em locais como Nova Trento e Botuverá, que também pertenciam a Brusque naquele tempo.

Já Tietzmann primeiro foi para Blumenau, onde trabalhou para os Hering, e só depois veio para Brusque.

Os primeiros anos da atividade dos polacos em terras brusquenses foram difíceis. Estavam instalados em terrenos muito ruins para a agricultura, alguns distantes do núcleo mais movimentado da colônia.

No começo, o trabalho era doméstico. Os polacos teciam teares muito simples e de madeira, em suas casas. Os fios eram fornecidos por comerciantes, que depois revendiam o pano pronto.

A primeira tentativa de sair do modo artesanal de produção para a industrialização ocorreu em 1890. O imigrante da Baviera João Bauer contratou o tecelão Jackowski.

Bauer era um comerciante e industrial bem-sucedido e resolveu tentar entrar no segmento têxtil com a ajuda do tecelão. A fiação e tecelagem não prosperou, mas está na história como a primeira da colônia.

Os tecelões, com sua força de vontade e expertise, promoveriam dali em diante uma “revolução industrial” em Brusque. Até aquele momento, a colônia era muito dependente da lavoura, da exploração de madeira, da produção de açúcar, charutos, banha e cachaça.

IMAGEM 3

Foto em preto e branco da família de Wilhelm Hartke. Ele vestido todo de preto está sentado do lado direito, segurando um menino no colo. Do lado esquerdo, sua esposa, também vestida de preto, segura um bebê. O casal é rodeado por mais um menino e duas meninas em pé, também vestidos de preto

IMAGEM 4

Foto em preto e branco do navio SS Orania que trouxe alguns poloneses para Brusque

Conhecimento polonês foi fundamental para a Renaux e a Schlösser

Poloneses qualificados iniciaram o setor têxtil de Brusque, que foi pioneiro em Santa Catarina

Os tecelões de Lodz tiveram participação preponderante em duas fábricas centenárias fundamentais para o desenvolvimento de Brusque: Renaux e Schlösser. Com seu conhecimento e tenacidade, os polacos ajudaram as empresas a se consolidarem e prosperarem no final do século 19 e início do 20.

A primeira grande empreitada no ramo têxtil foi de Carlos Renaux, que havia chegado ao Brasil em 1882 e, após dois anos em Blumenau, aportou em Brusque. O jovem alemão trabalhou como negociante por algum tempo e foi importante para que colonos deixassem de praticar a troca e adotassem o dinheiro.

A partir de 1889, com a febre da imigração na Polônia, tecelões de Lodz fizeram a proposta para que Renaux abrisse uma fábrica em Brusque. Em 1892, ele abriu a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux em sociedade com dois poloneses: Paul Hoepcke e Augusto Klapoth. Mais adiante, os dois deixaram a empresa.

Renaux adquiriu o terreno na estrada dos Pomeranos, que hoje é a avenida Primeiro de Maio, e a empresa começou a funcionar. O início foi conturbado porque naquela época o acesso a Brusque não era tão fácil.

Devido à localização, era fundamental ter também a fiação para a Renaux dar certo. Por isso, em 1900, o próprio empresário conseguiu que a empresa A. O. de Freitas, de Hamburgo (Alemanha), montasse uma fiação em Brusque.

A força e conhecimento dos tecelões poloneses, que na verdade não eram só tecelões, mas tintureiros, fiandeiros e outros profissionais têxteis, foi importante principalmente nesse início. Eles tiveram de treinar muitos novatos, que antes trabalhavam na lavoura.

Pouco depois da primeira leva de tecelões, vieram os Schlösser. Gustavo Schlösser foi contratado por Renaux, por meio de um intermediário, já na Polônia, em 1896.

Gustavo possuía uma formação invejável à época. Nascido na região de Lodz, em 1890, ele havia estudado na Escola Estadual da Indústria de Bielitz, cidade que ficava na área sob domínio do Império Austro-Húngaro.

Schlösser trabalhou como técnico têxtil por cerca de 15 anos na Renaux. Ele orientou também a fabricação de teares de madeira. Em momentos difíceis, Gustavo tinha papel fundamental e ajudou a superá-los.

IMAGEM 1

Foto em preto e branco da primeira sede da Fábrica Renaux. Prédio comprido e de madeira, com algumas partes em enxaimel. Na imagem, uma chaminé solta bastante fumaça

Companhia Industrial Schlösser

Gustavo Schlösser foi um autêntico tecelão e empreendedor. Depois de uma década e meia na fábrica Renaux, ele decidiu empreender.

Em 1911, Gustavo fundou a empresa junto com os filhos Hugo e Adolph. Os dois haviam trabalhado na Renaux também, mas saíram antes do pai.

Hugo foi para o Rio de Janeiro, mas não ficou por muito tempo e voltou para Brusque. Em 1908, começou a tecer em casa, em tear manual.

O irmão dele, Adolph, também esteve no estado carioca e voltou. Mas ele foi para Blumenau, onde trabalhou na Empresa Industrial Garcia - que depois foi incorporada à Artex.

Os filhos responderam ao chamado do pai. Assim, em 1911, nasceu a Gustavo Schlösser & Filhos, que depois se tornou Companhia Industrial Schlösser.

A produção começou com apenas dois teares manuais. Eram feitos cerca de 400 metros de tecidos mensalmente.

O próprio Renaux fornecia o fio aos Schlösser. Ele também se encarregou de comercializar a mercadoria em sua loja.

IMAGEM 2

Foto em preto e branco da fachada da Companhia Industrial Schlösser

IMAGEM 3

Retrato em preto e branco de Gustavo Schlösser. Na imagem, ele aparece de bigodes longos e bastante sério

IMAGEM 4

Foto colorida de um tear usado no início da Companhia Industril Schlösser. O equipamento grande, todo de madeira, está em uma sala

Imigrantes se estabeleceram no ‘morro dos polacos’

Poloneses foram levados a áreas mais distantes de Brusque a partir de 1889

A partir de 1889 começou a imigração em massa de polacos para o Brasil e muitos vieram para a Colônia Brusque. Algumas dessas famílias permanecem até hoje na cidade. Além disso, há de se considerar que, depois da saída dos pioneiros, em 1871, alguns poucos poloneses ficaram na colônia.

Esses imigrantes chegaram e foram assentados em áreas mais distantes da sede da colônia. Por isso muitos foram parar em regiões que hoje são Botuverá, Nova Trento e São João Batista.

A família Walendowsky é um exemplo disso, pois foi assentada primeiramente no território que hoje é Botuverá e depois se mudou para Brusque, conforme conta Ivan Walendowsky, descendente. Os Witkosky ainda hoje estão presentes na região colonizada preponderantemente por italianos.

Uma marca da presença polaca na região é um túmulo no cemitério do Centro de Botuverá, no qual estão os restos mortais retirados, em 1943, do “cemitério dos polacos” do Lageado Baixo.

O antigo cemitério não existe mais, tampouco há marcas da sua existência no terreno, onde hoje tem um galpão industrial. Entretanto, João Venzon, 64 anos, morador do Lageado Baixo, lembra-se do local na sua infância.

“A gente brincava ali, tinha pedaços de cruzeiros. Na época, se fazia as lápides com concreto”, lembra o morador.

Venzon conta que sempre teve descendentes de poloneses no bairro. Entretanto, eles se adaptaram à cultura local. “Nunca ouvi eles falando polaco”.

Entre os que vieram para Brusque, os primeiros foram alocados no Santa Luzia, no caminho para Nova Trento e o Vale do Rio Tijucas. O bairro é considerado o berço dos polacos no município e até hoje alguns descendentes residem no local.

No Santa Luzia fica um local icônico: o morro dos polacos. Como o nome denuncia, é nessa estrada de barro e relevo montanhoso que parte dos poloneses foram colocados.

Alguns acreditam que o morro dos polacos seria Sixteen Lots, onde os polacos vindos em 1869 se assentaram, todavia, pesquisadores, como Maria do Carmo Ramos Krieger e Aloisius Carlos Lauth, já demonstraram que o local ficava na região do Ribeirão do Cedro Grande.

IMAGEM 1

Gilberto e Hilda Immianoswsky posam sentados lado a lado. Ele sério e de braços cruzados. Ela sorrindo.

IMAGEM 2

Salvelina e Orlando posam sentados em um sofá. Os dois sorrindo timidamente.

Berço

Pouco depois da igreja católica, mas antes da estrada de barro, vive o casal Gilberto e Hilda Immianowsky. Ele é um legítimo descendente dos primeiros polacos que habitavam o bairro.

Aos 66 anos, ele conta que seu bisavô Inácio foi quem por primeiro chegou ao morro. Ele trabalhou na demarcação de terras e sempre morou na localidade.

O escritor Celso Deucher, autor de um livro sobre as famílias polacas em Brusque, diz que Inácio trabalhou até mesmo como um intérprete informal do polonês para o alemão. Deucher diz que existem registros de que ele desempenhou essa intermediação.

Filho de Inácio, Alexandre Immianowsky também foi responsável por demarcar lotes da cidade naquela época.

O senhor conta que seu avô e seu pai também residiram no morro, apenas em terrenos diferentes. Gilberto se casou com Hilda, 64, uma descendente de italianos (que também ocuparam aquela região), e até hoje mora no local.

Já não se fala mais polonês na região, e a família de Gilberto e Hilda não manteve grande parte da tradição dos antepassados.

No Beco Pavesi, perto da residência dos Immianowsky, moram Orlando Antônio Lepeck, 77, e Salvelina Maria Lepeck, 72. Ele também é de uma linhagem de polacos.

Lepeck não lembra do bisavô, mas o avô já morava no Santa Luzia. “Os meus avós falavam em polonês. Eu entendo pouco, aprendi poucas palavras. Meu falecido pai falava e minha mãe era italiana, mas falava também”, conta.

Segundo Deucher, os Lepeck chegaram a Brusque entre 1871 e 1890 - intervalo entre os dois grandes ciclos da imigração. O autor diz que a família foi registrada com passaporte russo quando chegaram no Brasil.

No passado, era comum sair na rua e escutar a conversa dos poloneses no idioma eslavo. Havia uma quantidade considerável de famílias de origem polaca.

Hoje em dia, ainda há um punhado delas, mas a maioria dos descendentes saiu da localidade e se mudou para bairros mais perto do Centro, ou até mesmo para outras cidades.

IMAGEM 3

Imagem colorida de uma rua de terra, bastante íngreme e ao fundo um morro com muitas árvores

IMAGEM 4

Túmulo com flores de plástico brancas

Mantendo a cultura viva

Fundação José Walendowsky foi fundada para fomentar as tradições polonesas na cidade

A lembrança de que os poloneses também colonizaram Brusque deve-se, em grande parte, ao esforço de descendentes que não medem esforços para perpetuar a cultura de seus antepassados.

Esses voluntários conseguiram avanços nos últimos anos, como a instituição do Dia Municipal da Imigração Polonesa. Mas ainda há um longo caminho a ser percorrido para chegar ao patamar em que estão as culturas alemã e italiana.

Fundada em 30 de agosto de 1999, a Sociedade Berço da Imigração Polonesa capitaneou os trabalhos a favor dos polacos no município. Fundador e presidente até hoje, Sérgio Witkosky explica que o objetivo ao criar a entidade foi o resgate histórico.

“Anos atrás, a memória polonesa havia se perdido. Quando se falava em imigração, só eram lembrados italianos e alemães. Começamos a ficar incomodados que os poloneses não apareciam, apesar de terem importância em Brusque”, comenta.

Por isso ele e um grupo de descendentes resolveram colocar mão na massa para mudar esse cenário. Eles fizeram pesquisas históricas na Casa de Brusque, museus da região e outros arquivos para contar a história da imigração.

Uma iniciativa importante foi o levantamento de sobrenomes realizado pela entidade. Os pesquisadores verificaram nos arquivos do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Samae) os sobrenomes dos cidadãos e conseguiram ter uma lista mais atualizada da presença polaca na cidade.

A sociedade também chegou a organizar três edições da Festa de Nossa Senhora de Czestochowa, entre 2004 e 2006, na igreja católica do bairro Santa Luzia, em Brusque.

Witkosky conta que foram cerca de dez anos de muita dedicação e luta em favor dos poloneses. Um fato marcante foi a votação, em 2009, na Câmara de Vereadores, do projeto que instituiu 25 de agosto como o Dia da Imigração Polonesa em Brusque. O escritor Celso Deucher teve papel importante para a criação da lei municipal.

A sociedade ainda existe, mas hoje está praticamente adormecida. Witkosky conta que, atualmente, o trabalho se resume a passar informações para pessoas que o consultam para dupla cidadania e pesquisas genealógicas.

IMAGEM 1

Imagem de João Paulo Walendowsky posando sorrindo para a foto

IMAGEM 2

Sérgio Witkosky posa para a foto segurando uma pasta com diversos documentos sobre os poloneses

A fundação

A Fundação José Walendowsky surgiu em 2014, mas a data significa apenas a formalização de uma luta que se iniciou na década de 1990, com Ivan Walendowsky. Muito ligado às suas raízes polacas, ele é, até hoje, o principal incentivador de ações em prol da polonidade.

Logo após 1989, o fluxo de informações da Polônia para o Brasil ficou mais fácil, pois a União Soviética havia ruído. A partir de 1990, Walendowsky entrou de cabeça na causa dos poloneses e passou a promover eventos e buscar suas raízes.

Já em 1990 ele realizou um evento polonês que chegou a ser noticiado por jornal em Curitiba (PR). Desde então, a fundação realizou 11 edições do Evento Cultural Polonês em Brusque.

A entidade não se limita a promover festas. Ela também participa ativamente de eventos do Consulado-Geral da Polônia e em outras cidades.

A fundação também promoveu uma viagem até a Polônia em 2018, da qual participaram descendentes e pesquisadores.

Filho de Ivan, o atual presidente João Paulo diz que o plano é aumentar as atividades, inclusive incentivando o ressurgimento de grupos folclóricos e até aulas de polonês, futuramente. Assim como o pai, ele é um entusiasta da cultura polonesa.

A fundação também capitaneou a articulação com a Assembleia Legislativa para que o Dia Estadual da Imigração Polonesa fosse mudado para 25 de agosto, assim como é a data municipal em Brusque. A lei estadual foi sancionada pelo governador em julho último.

Marco do sesquicentenário

A Fundação José Walendowsky elabora uma praça em homenagem ao sesquicentenário da imigração.

O local intitulado de Imigrantes da Polônia fica situado na rua Francisco Sassi, bairro Jardim Maluche, e contém duas estátuas em granito cinza: O Semeador e O Batismo, ambas do artista David Rodrigues.

A primeira obra é inspirada em uma escultura do polonês Jan Zak, que depois de se naturalizar brasileiro ficou conhecido como João Zacco Paraná. A escultura simboliza a cultura, as tradições e a força do trabalho dos poloneses.

Já a segunda obra simboliza o batizado do menino Estevão Sienovski, que nasceu em 1869, ainda no navio que trouxe para Brusque as primeiras 16 famílias de imigrantes poloneses.

Nacionalismo prejudicou ensino do idioma

Poucas pessoas falam polonês hoje em dia. Ao longo das gerações, o idioma se perdeu devido ao medo dos colonos e ao nacionalismo.

Clotilde Imianowsky diz que os seus antepassados eram muito fechados, não buscavam o passado, nem contavam sobre os ocorridos. Isso aconteceu inclusive com o idioma, que não foi repassado adiante.

Essa situação de não ensinar o polonês às outras gerações é comum entre as famílias. A maioria delas não têm mais falantes do idioma dos antepassados.

Uma das explicações para esse fato é que Brusque era majoritariamente alemã quando

os polacos chegaram. Por isso, para se comunicar muitos deles usavam o alemão. Esse fato é comprovado por vários relatos.

Um exemplo é o caso de José Walendowsky, pai de Ivan, que foi alfabetizado na língua alemã. Quando não era o idioma germânico, o usual era falar em português. Os poloneses só falavam o idioma entre si.

Mas até mesmo esse pouco foi perdido ou severamente prejudicado com campanha de nacionalização promovida por Getúlio Vargas a partir de 1938, com a proibição de outros idiomas e fechamento de dezenas de escolas polacas em Santa Catarina.

Depois, os alemães e italianos conseguiram recuperar em parte o aprendizado do idioma. Até porque Alemanha e Itália são países com mais exposição no mundo e naturalmente atraem mais interesse.

Mas o polonês ainda engatinha. O país sofreu com o comunismo por décadas, o que o prejudicou em termos de contato com os descendentes.

A Sociedade Berço da Imigração Polonesa chegou a ter um curso de polonês nos anos 2000. Os livros didáticos foram buscados fora de Santa Catarina, pois não era fácil achá-los.

Sérgio Witkosky diz que o polonês é um idioma muito difícil. A turma começou com cerca de 15 pessoas, mas logo se encerrou.

IMAGEM

Foto fechada de um livro de polonês

Marcadas na história de Brusque

Famílias Schlösser, Walendowsky e Woitena são algumas de descendência polonesa que tiveram papel importante na cidade

Os descendentes de poloneses têm papel relevante para Brusque desde a sua chegada. Foram preponderantes para o desenvolvimento têxtil, assim como para várias outras atividades.

Há muitas famílias de destaque e seria difícil contar a história e os feitos de todas. Mas vale lembrar seus sobrenomes e a trajetória de algumas delas que, por diferentes motivos, ficaram marcadas na história da cidade.

Schlösser, Walendowsky e Woitena são apenas três delas. Conheça suas histórias:

Schlösser: impulso do têxtil

A história da família Schlösser está intimamente ligada à imigração polonesa. Apesar de serem etnicamente alemães, eles também viviam em território polonês e vieram pouco depois dos tecelões de Lodz.

Marcus Schlösser, empresário brusquense, tem estudado sobre a história da família há anos. Com ajuda de pesquisadores, ele conseguiu traçar a sua origem até a cidade de Monschau, na Alemanha, perto da fronteira com a Bélgica e a Holanda.

O primeiro Schlösser a vir para Brusque foi Gustavo, marido de Natalie Starnell, com que se casou em 1885, ainda na Polônia. Ele veio para o Brasil em 1896, cerca de sete anos depois dos tecelões.

Os dois tiveram sete filhos: Adolf, Hugo e Carl nasceram em Zgierz; Robert nasceu em Lodz; Otto, Olga e Anna já nasceram em Brusque.

O bisavô de Marcus é Gustavo, o avô é Adolf e o pai dele é Horst. Assim como muitas famílias polonesas queriam esquecer o seu passado, os Schlösser também desejavam.

Marcus conheceu a história da família em fragmentos. “Comentava-se muito pouco. Não houve uma tradição oral de explicar o porquê saíram”.

O brusquense diz que é de se perguntar se além da crise houve mais algum motivo para atitude audaciosa de emigrar para Brusque. “Era um convite só de ida, com um baú, e com uma promessa de emprego. Foram até Hamburgo e aqui chegaram sem saber o que encontrariam”, pondera.

“Nunca houve um relato do porquê. A única coisa é uma carta que meu bisavô começou a escrever endereçada aos colegas. Não sabemos a quem seriam. Fala das impressões da primeira chegada. É um manuscrito que está num bloco junto com questões de contabilidade que fazia para si e para outros, mas não sabemos se chegou a ser enviado”, explica.

Marcus diz que, embora tivessem vindo da Polônia, seus antepassados tinham poucos hábitos “poloneses”. Eram etnicamente alemães e mantiveram seus costumes por mais

de um século desta forma, mesmo quando estava em território ocupado por russos.

“Tudo era feito em alemão, a língua materna da grande maioria dos que vieram era o alemão. O que eu lembro é que o meu avô sabia cantar Noite Feliz em polonês, então teve algum entrelaçamento lá”, lembra Marcus.

Falar alemão era uma necessidade para morar em Brusque. A maioria dos habitantes era germânica e tinha resistências a falar outros idiomas.

A experiência com os irlandeses e ingleses mostrou a importância de saber alemão para viver na colônia.

IMAGEM 1 Marcos Schlösser sentado em uma cadeira segurando o diploma de Gustavo Schlösser

Walendowsky: protetores da cultura

Ivan Walendowsky, casado com Célia Maria Loyola, é um dos principais entusiastas e patrocinadores de trabalhos e pesquisas sobre a imigração polonesa em todo o país. O brusquense atua em parceria há décadas com o Consulado da Polônia, em Curitiba, e com entidades e pesquisadores.

Hoje, Walendowsky é reconhecido por sua atuação em prol dos poloneses. Tanto que recebeu, em 2018, diretamente do governo da Polônia, a cidadania. O documento é assinado pelo próprio presidente da Polônia, Andrzej Duda.

Prova do reconhecimento do governo é que Ivan foi convidado para ser o cônsul honorário da Polônia em Santa Catarina. Ele não aceitou porque, nesta fase da vida, busca descansar, mas se sentiu lisonjeado pela honraria.

O reconhecimento é fruto do envolvimento dele e da família com o resgate da cultura polonesa no Brasil e em Brusque. Desde os primeiros Walendowsky que vieram para Brusque, o casal Miechal e Alvina, a família mantém laços com o país europeu.

Na década de 1880, Miechal percebeu que a situação chegou a tal ponto, com guerra, miséria, crise e ocupação, que seria melhor ir embora.

“Na região de Tomaszow-Mazowiecki, perto de Lodz, a ocupação era russa, tanto é que cartórios e instituições públicas usavam o alfabeto cirílico. Meu avô falava que o pai dele, insatisfeito sobre essa opressão em cima da preservação do jeito polaco de ser e falar, vendeu as coisas lá para vir embora”, conta Ivan.

O casal foi até o porto de Hamburgo, na Alemanha, para embarcar rumo aos Estados Unidos. Mas no meio da viagem foram convencidos por outra família a vir para o Brasil, e assim o fizeram.

Junto com eles vieram quatro filhos: Antoniego, Franciszek (Francisco), Stephan e Ignácio. A menina Córdula nasceu no navio.

Eles foram instalados inicialmente no Ribeirão do Ouro, hoje Botuverá, porque as terras mais perto da sede da colônia já estavam ocupadas. No entanto, ficaram pouco tempo por lá porque havia muitos conflitos com indígenas.

Os Walendowsky se mudaram para Limeira. Francisco casou com Anastácia Wietkowsky e tiveram Luiz, José, Félix, Romualdo, Inácio, Maria e Hilário.

“Meu pai José falava polonês com os pais e os irmãos. Mas eles tinham necessidade de se comunicar bem em português por causa dos alemães e italianos”, comenta Ivan.

José foi funcionário da prefeitura e também teve uma serraria, atividade muito comum entre imigrantes poloneses. “O pai teve serraria vendida para o Stoltenberg, depois montou transportadora com um italiano e depois virou caminhoneiro, levava arroz e trazia açúcar para cá”, destaca Ivan.

Ele lembra com carinho do modo polonês do avô Francisco. Bem ao jeito polaco, ele costumava contar repetidamente as histórias da família e suas origens para os filhos e netos.

O apreço pela família e pela história da Polônia é algo que une os imigrantes poloneses em todo o mundo. Até hoje, as origens polonesas são muito fortes entre os Walendowsky.

As histórias repassadas oralmente garantiram a preservação da memória familiar, pois as cartas entre os que ficaram na Polônia e os imigrados cessaram em 1933, quando o nazismo começava crescer na Alemanha e arredores.

Depois da 2ª Guerra Mundial, a Polônia se tornou comunista e a comunicação continuou inviável. Somente após 1989, quando a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) caiu, é que foi possível obter mais informações, por meio de pessoas que ainda tinham algum contato com a terra dos antepassados.

Depois de muitos anos, em 2007, Ivan e o filho mais novo, João Paulo, foram para a Polônia. A viagem serviu como um ensaio para o reencontro que ocorreria três anos depois. Na virada de 2010 para 2011, eles voltaram ao país europeu. Foram para Tomaszów-Mazowiecki e encontraram o sobrenome Walendowsky na lista telefônica.

“Ligamos e contamos que estávamos no restaurante e eles se dispuseram a ir até lá. Na época, o Facebook e as redes sociais não eram tão difundidas, por isso foi difícil achá-los”, conta João Paulo.

Ali os Walendowsky se reconectaram. Até hoje, os dois lados da família mantêm contato. Recentemente, Ivan esteve na Polônia e conversou com uma parente, que lhe entregou algumas fotos do seu bisavô.

IMAGEM 2

Em pé, de blazer escuro, Ivan Walendowsky exibe sorrindo o documento de sua cidadania polonesa

Woitena: parentes de um santo

A família Woitena (também são conhecidas as formas Voitina e Voitena) destaca-se por uma situação curiosa. São verdadeiramente parentes de Karol Wojtyła, o Papa João Paulo 2º, que hoje é santo.

A semelhança dos nomes já denuncia a proximidade. Mas para além disso, a semelhança física entre alguns integrantes e o papa é realmente impressionante.

Karol Wojtyła foi eleito bispo de Roma e papa em 16 de outubro de 1978. A notícia teve especial impacto nos Woitena de Brusque.

“O meu pai Isidoro é que era o Woitena. Quando o João Paulo 2º foi eleito, perceberam que o sobrenome Woitena era muito parecido com Wojtyła. Aí começaram com essa história de que era parente”, comenta Nívio Woitena, morador do bairro Santa Terezinha.

Miriam, irmã de Nívio, conta que, na época, um parente chamado Floriano foi até o bairro Boiteuxburgo, em Major Gercino, para conferir se Jacob, o primeiro da família a habitar a região, era Wojtyła.

Na lápide, não havia dúvidas: ele se chamava Jacob Wojtyla. O sobrenome fora alterado por erros de cartórios ao longo das décadas.

Foi uma felicidade para Isidoro, neto de Jacob, saber que tinha o mesmo sobrenome do papa. Católico, como a grande maioria dos poloneses, ele não conteve a emoção.

Mas até aquele momento sabia-se só que o sobrenome era o mesmo. Não havia confirmação de qual era o grau de parentesco.

Isso mudou em 1999, quando um sobrinho do papa, chamado Andrej Wojtyla, esteve em Brusque com uma comitiva de poloneses. Ele era pesquisador da história da família e descobriu que parte tinha vindo para o Brasil.

Nivio conta que, em fevereiro de 1999, Andrej pediu para conhecer Isidoro no Hotel Monthez, onde a comitiva estava hospedada. Assim que Isidoro entrou no recinto, Andrej o reconheceu e o cumprimentou como parente, tamanha a semelhança física. Ana Busnardo Woitena, 87 anos, viúva de Isidoro, diz que os dois eram muito parecidos.

Andrej confirmou as suspeitas e esclareceu a história: o irmão de Jacob ficou na Polônia. Ele seria depois o avô do papa. Portanto, o avô de Isidoro era irmão do avô do pontífice. Isidoro e Karol eram primos de segundo grau, pois tinham os mesmos bisavôs.

A genética também comprovou o parentesco. Assim como o papa, José Voítina, irmão de Isidoro, teve Mal de Parkinson e faleceu no ano 2000. Isidoro faleceu em 2007 por problemas pulmonares.

Repercussão

Miriam guarda até hoje um caderno cheio de recortes de jornais de vários lugares onde seu pai foi notícia por ser parente do Papa João Paulo 2º.

O pontífice morreu em 2 de abril de 2005, um sábado. Na segunda-feira seguinte, o Consulado da Colômbia ligou para os Woitena porque uma rádio colombiana queria entrevistar Isidoro sobre a morte.

A entrevista durou mais de uma hora. O locutor perguntava em espanhol, a consulesa, na linha telefônica traduzia e Isidoro, no telefone, respondia em português.

“Marcaram hora para o pai estar aqui. Eles perguntavam para ela, ela para o pai e assim ia. Tinha gente aqui em casa, foi uma correria aquele dia”, conta Miriam. Foram muitas reportagens, entrevistas e declarações para a imprensa devido ao parentesco.

Para Miriam e Nivio, é motivo de orgulho ter as mesmas origens do papa. Os dois até hoje mantêm a fé católica. Ele inclusive trabalha há mais de 50 anos na Paróquia Santa Terezinha.

As filhas de Miriam, Yasmin e Anny, também se orgulham das origens. Recentemente, elas visitaram o Vaticano.

IMAGEM 3

Sentados em um sofá, irmãos Nivio e Miriam posam segurando uma edição da revista Veja que tem o papa João Paulo II na capa

Outros sobrenomes poloneses em Brusque

Abramovitz
Andrezejewski
Arendartchuk
Badura
Baranoski
Bartnik
Bieliski
Bilek
Bogowicz
Bohaczuk
Bonikoski
Budtiqcitiz
Buttchevitz
Butzch
Cernucky
Civinski
Colnachi
Conink
Cugik
Daobroski
Darocesck
Daroceski
Dobecz
Drosdosky
Dubiella
Felisky
Flizikoski
Flizikowski
Formanquevsky
Galinski
Geracesck
Goginski
Graciki
Graczcki
Haacke
Hartke
Iatzac
Imianovsky

lunceck
Jaraceski
Jaraciski
Jatzak
Jeworowski
Jucik
Kapusinski
Kingeski
Kogikowski
Konopka
Korchak
Koschamik
Koschmik
Koschnik
Kosckni
Kricinski
KruXink
Kubiak
Kuczkowski
Kuneski
Kusvkowski
Latichuky
Lenartovicz
Lepeck
Lewandowski
Lischeski
Majewski
Maleski
Marchewsky
Menisck
Michelaski
Mikiewicz
Mikowski
Milsik
Moraski
Murceski
Nasguewitz
Novak
Novkovic
Oleskovicz
Oleskovicz
Openkowski
Osouski
Pertschy

Petrusky
Pioczkoski
Piotrovski
Podiatzki
Pommucinski
Pomnecimski
Ponikieski
Potratz
Przysieczny
Quesinski
Rataiczki
Ratuchniak
Rocinski
Romaski
Rubik
Rublecki
Rudnik
Ruzinski
Sayczuk
Scafasczek
Schavarski
Schilenski
Schipitoski
Sdarochy
Sefovitz
Siguski
Slomski
Smialowski
Stadnik
Staroski
Stefanski
Szkolny
Szpoganicz
Szvaiczuk
Tarnakloski
Tarnowski
Tithurski
Tomczak
Varaceski
Vellwock
Visnheski
Wielewski
Wilamoski
Witkoski

Wochiniski
Woicikoski
Wosniak
Wyrepkoski
Zielinski
Ziembicki
Zmijevski

Comunidade presente em todo o Brasil

Estimativa é que há mais de 2 milhões de descendentes de poloneses no país

Os descendentes de poloneses são um contingente significativo da população brasileira. Os números variam conforme a fonte, alguns autores estimam em 800 mil pessoas, mas os líderes da comunidade polaca acreditam que ultrapassa 2 milhões de pessoas.

A Braspol, entidade nacional com sede em Curitiba representativa dos polônicos, contabiliza mais de 330 núcleos de descendentes espalhados por 16 estados, mas a grande maioria está no Sul do país.

Depois de saírem de Brusque, em 1869, e se estabelecerem em Curitiba, os poloneses criaram outras colônias no estado, por isso o Paraná é o mais representativo e a capital do estado concentra o segundo maior contingente de polônicos do mundo.

De acordo com o Consulado Geral da Polônia em Curitiba, atualmente cerca de 10% da população paranaense é descendente de polacos. Além de Curitiba, o interior e a região que faz limite com Santa Catarina têm grande número de descendentes.

O território catarinense também tem considerável número de habitantes com ascendência polaca. No caso catarinense, a maior parte deles se concentra ao Norte, próximo aos municípios de Porto União e Canoinhas. A cidade mais polonesa de Santa Catarina é Itaiópolis, na mesma região.

O fato de essas cidades catarinenses terem grande número de descendentes tem relação com a Guerra do Contestado (1912-16), que alterou a divisa entre os estados, com isso os municípios que pertenciam ao Paraná passaram a integrar Santa Catarina.

O Rio Grande do Sul também foi colonizado por poloneses. Em 1886, um grupo de imigrantes fundou as colônias Santa Teresa e Santa Bárbara. O estado recebeu levas de imigrantes na década de 1890 até a 1ª Guerra Mundial.

Muitos poloneses emigraram em decorrência da 1ª e da 2ª Guerra Mundial. Os refugiados de guerra acabaram por se estabelecer entre os gaúchos. Há uma concentração grande de descendentes em Ijuí, Caxias e Lagoa dos Patos.

O Espírito Santo também tem quantidade significativa de descendentes. O estado começou a receber polacos na década de 1870. Há relatos de que foi em 1870 e outros de que foi em 1873.

Eram poloneses da região da Pomerânia e da Silésia. Assim como no caso de Brusque, eles vieram para o Brasil como “alemães”, pois essas regiões estavam sob domínio da Prússia. O grupo se estabeleceu na região da cidade de Águia Branca, que ganhou este nome porque na bandeira polonesa tem uma águia branca.

Há descendentes de poloneses em todos os estados, mas de forma organizada pela Braspol, estão em 16. Estudiosos e entidades apontam dificuldade em calcular quantos descendentes existem atualmente, já que estão totalmente integrados à sociedade brasileira.

Mas os traços na cultura, culinária, artes e no cotidiano é marcante e irrefutável em todo o Sul do país, sobretudo em Curitiba.

IMAGEM

Casal vestindo trajes típicos poloneses durante uma dança. Ele ajoelhado com os braços levantados e ela, sorrindo, segurando o vestindo olhando para ele